



CAPTURA AMOROSA: UM DIZER SOBRE O AMOR EM PSICANÁLISE[√]

Camila da Silva ALVES*
Regina Coeli Aguiar CASTELO**

RESUMO

A captura amorosa é um detalhe, um momento que ocorre no processo do amor. Na Psicanálise, o tema amor já foi estudado e citado, porém ainda existe muito a se revelar sobre a captura, suas razões e os processos pelas quais ela ocorre. O presente trabalho pretende, através da intercessão desse estudo, buscar um ponto em comum, procurando na literatura conceitos que possam trazer sentido a esse processo aparentemente tão irracional. Entender a captura é entender a razão pela qual acontece o amor e, ainda, conhecer mais a fundo o indivíduo, lançando uma luz sobre o mistério que existe sobre esse tema. O amor e a captura são uma constante na vida de todo indivíduo e tem íntima relação com o processo de transferência, tão importante no processo da clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Captura. Amor. Transferência. Psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

O amor sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, quando se observa as relações interpessoais em suas diversas formas. A busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento, são questões profundamente valorizadas pela sociedade e que permeiam o cotidiano das pessoas. Influencia decisões e julgamentos. Por isso, os processos psicanalíticos sempre passam por essa questão, na busca pelo entendimento do sujeito.

O termo “amor” é abrangente, assim como o estudo desse fenômeno, à luz da Psicanálise. A proposta desse trabalho é apresentar através de pesquisa bibliográfica, uma reflexão sobre o fenômeno da captura amorosa e procurar entender o que é determinante nesta, assim como o amor e sua relação nas estruturas psíquicas neurose e psicose.

[√] Artigo recebido em 30 de setembro de 2016 e aprovado em 30 de novembro de 2016.

* Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <camilacalves@bol.com.br>.

** Mestra em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <rcacastelo@bol.com.br>.

Para exemplificar essas teorias, citaremos mitos sobre o amor e o ser amado na Grécia Antiga, na tentativa de ilustrar o que será trabalhado no texto. Proponho ainda, uma breve análise do filme “mal me quer, bem me quer”, que trabalha a questão da erotomania, uma das formas de amor da psicose.

A captura diz sobre aquilo que não sabemos compreender. Como surge? De onde vem? A busca vinculada ao amar e ser amado carrega todo o conteúdo da história emocional do sujeito envolvido.

A escolha se dá de forma inconsciente. Isto é: não conseguimos pensar claramente o que nos encantou naquele alguém. A desejada captura do outro na verdade refere-se a uma busca de nós mesmos. Uma procura não apenas de uma suposta unidade perdida, como também da força determinante, pulsional que nos atravessa e nos constitui. Assim sendo, a escolha desse tema nos capturou e diz respeito ao fenômeno psicoafetivo determinante, que tem na teoria psicanalítica um corpo teórico que, de certa forma justifica o próprio destaque na afetividade, iniciado por Sigmund Freud, quando este inventava a Psicanálise, a partir da escuta de seus pacientes que o procuravam para falar das dores do amor.

2 CAPTURA: EROS POR PSIQUÊ

Iniciamos este artigo, refletindo sobre o conceito de captura, termo este que não encontra descrição no glossário de Psicanálise. Entretanto, ao nos referirmos à **captura amorosa**, o verbo ganha dimensão de conceito, na medida em que se trata deste aprisionamento sobre o qual iremos refletir e pesquisar.

O conceito mais popular de amor está relacionado, de modo geral, à formação de um vínculo emocional com alguém que seja capaz de receber este comportamento amoroso e enviar estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação. É tido por muitos como a maior de todas as conquistas do ser.

Em seus diálogos, Sócrates dizia que era a única coisa que ele podia entender e falar com conhecimento de causa. Segundo ele, o amor é o desejo por algo que não se possui. A temática do amor é comum a quase todos os filósofos gregos, entendido como um princípio que governa a união dos elementos naturais e da relação entre os seres humanos.

Na Psicanálise, os mitos gregos foram constantemente usados para ilustrar as teorias que estavam sendo apresentadas. A humanização de seus Deuses e o retrato de uma série de situações cotidianas têm riqueza de material para o estudo de diversos conceitos.

2.1 A CAPTURA DE EROS: O FEITIÇO VIROU CONTRA O FEITICEIRO

Uma das lendas mais belas e conhecidas da mitologia grega é a de Eros e Psiquê. O conhecimento da lenda se dá pela figura bastante difundida de Eros (ou Cupido). Eros era filho da deusa do amor, Afrodite, uma imortal de beleza inigualável.

Já Psiquê, mortal, era a mais bela das três filhas de um rei, capaz de despertar a admiração de qualquer pessoa, tanto que muitos vinham de longe para apreciá-la. Com isso, Afrodite sentiu-se ofendida. Para ela, tamanha exaltação só deveria acontecer a seres imortais.

[...] Chama, então, seu filho, alado Cupido (Eros), bastante ardiloso por sua própria natureza, e o exalta e provoca-o mais ainda por seus cumprimentos. Mostra-lhe Psiquê e diz: “Castiga meu filho, aquela audaciosa beleza; assegura a tua mãe uma vingança tão doce quanto foram amargas as injúrias recebidas. Infunde no peito daquela altiva donzela uma paixão por algum ser baixo, indigno de sorte, que ela possa colher uma mortificação tão grande quanto o júbilo e o triunfo de agora. Cupido (Eros) preparou-se para obedecer às ordens maternas. Há duas fontes no jardim de Vênus, uma de água doce, outra de água amarga. Ele encheu dois vasos de âmbar, cada um com água de uma das fontes, e suspendendo-os no alto de sua aljava, dirigiu-se ao quarto de Psiquê, que encontrou dormindo. Derramou, então, algumas gotas de água da fonte amarga sobre os lábios da jovem, embora ao vê-la quase fosse tomado de piedade. Depois, tocou-a de lado com a ponta de sua seta. Ao contato, Psiquê acordou e abriu os olhos diante de Cupido (Eros), ele próprio invisível, que, perturbado, feriu-se com sua própria seta. Descuidando-se do ferimento, o único pensamento do Deus consistia em desfazer o mal que fizera, e derramou as balsâmicas gotas de alegria sobre os sedosos cabelos da jovem [...] (BULFINCH, 1999, p. 101).

Na história de Cupido (Eros), podemos perceber o quanto a captura foi inesperada. Enquanto pretendia flechá-la, se apaixona por Psiquê, que representa a beleza e carisma.

Lacan (1992), no Seminário VIII, afirma que o amor é um acontecimento particular que ocorre a um sujeito frágil, falível e que é incitado à particularidade do seu ser na convivência com o outro. Trata-se de um objeto imaginarizado, que vem ocupar o lugar do vazio da falta. Supor que alguém tenha em si algo precioso que

possa preencher o que lhe falta, leva o amante em direção ao amado. O amante espera do amado a possibilidade de recuperar a totalidade onde nada falta. Assim, amar é reconhecer e exaltar no outro o que ele próprio denega, olha e não pode ver. O que leva o amante em direção ao amado é supor que ele tenha dentro de si algo precioso que possa preencher o que lhe falta. Um parceiro causa algo no outro, toca de alguma forma o fantasma do outro, encarna-o na medida em que se apresenta como objeto que causa seu desejo. O amor necessita que esse objeto faltante seja encarnado numa pessoa.

No texto completo do mito vários aspectos podem ser percebidos: a questão da confiança, representada pelo momento em que Psiquê cede à pressão das irmãs e desconfiada da aparência de Cupido (antes nunca visto por ela), ilumina-o com uma vela, enquanto dorme, rompendo assim o combinado. Por um lado, o amor de Cupido gerou uma expectativa de que quem o amasse deveria confiar nele. Psiquê, por sua vez, vivendo uma relação amorosa, foi tomada pela insegurança ao pensar que o que ela estava vivendo poderia não ser real. Após Cupido ser capturado por Psiquê, ela, por sua vez, é levada para o alto de uma montanha para cumprir seu destino, o de se casar com um monstro. Mas logo Cupido faz com que ela seja levada a um castelo e transforma-a em sua esposa. O que o texto sugere ser obra do acaso, também pode ser interpretado como uma pulsão que moveu Eros em direção a um novo encontro com a pessoa amada. Muitas vezes, os encontros amorosos são atribuídos ao acaso, mas na verdade a captura age como uma força que impulsiona e determina cada ação da pessoa capturada.

Freud ([1914] 1988) afirma que o protótipo de toda relação de amor é a experiência de uma criança que suga o seio da mãe. A partir daí, cada encontro com um objeto é, na realidade, um reencontro. Podendo-se entender com isso que todo objeto de amor é uma substituição de um objeto primordial, anterior à barreira do incesto, sendo o amor, uma substituição de um objeto recalcado, um amor de repetição. Freud considera que as paixões são, na verdade, ecos das lembranças do amor infantil. É o amor vivido na tenra infância que rege a vida de cada um. Dessa vivência resulta o que cada um será no futuro e o Complexo de Édipo seria a modulação da forma de cada um amar.

Afrodite, mãe de Cupido, é determinante em vários momentos do mito. Por influência da mãe, Cupido vai de encontro a Psiquê e só então é capturado. A

beleza de Psiquê é comparada à da Deusa. Essa comparação chama a atenção, sugerindo que existe uma semelhança entre a mãe e a amada que pode ser interpretada como um modelo se repetindo. Afrodite está sempre se interpondo no caminho dos dois, incomodada por ver a possibilidade de seu lugar ser tomado por Psiquê. Mais do que vaidade, o lugar em disputa é o de objeto de amor do filho. Isso representa muito bem a teoria freudiana de que a relação entre mãe e filho sempre vai repercutir na captura, assim como na forma em que esse filho se relaciona com seus amores.

Freud ([1914] 1988) afirma que todo objeto de amor é uma substituição de um objeto recalcado. Uma clivagem do objeto do amor seria a causa de duas correntes amorosas, uma afetiva e outra sensual. A corrente sensual resultaria numa separação entre amor e desejo, onde o objeto seria ou superestimado ou degradado, levando a amar sem desejar e a desejar sem poder amar.

Após a desilusão e separação por causa da desconfiança de Psiquê, Afrodite propõe a ela uma série de tarefas quase impossíveis para que ela possa reencontrar seu filho. As tarefas desempenhadas por Psiquê mostram o seu desejo de reencontrar Cupido. Psiquê fora, então capturada, também por aquele que antes havia se apaixonado por ela. Como e quando isso acontece não é possível precisar, mas só ocorre depois que Cupido chama para si a atenção dela. A separação e sensação de perda tiram o indivíduo de uma situação confortável e o forçam a buscar uma direção a seguir: um novo amor, ou no caso do mito, o reencontro.

Com ambos capturados e se amando, o desejo de estarem juntos termina por reunir. É um caso em que a captura se consolida em uma relação amorosa.

Para Freud a pulsão instintiva orienta o indivíduo para o amor, uma maneira de realização natural do ser ao encontrar compatibilidade no outro. A partir da expressão: amar o outro, inferimos ver no outro o reflexo do nosso amor e merecê-lo, por ser ele igual ou melhor do que nosso amor, um modo de amar mais perfeito que o nosso, nosso ideal, nosso próprio eu! Como amar o outro, se este não tem nada a ver com o nosso eu? Não havendo compatibilidade ao nosso valor, e por serem estranhos, seus valores não nos atraem. “Aquele que vive em estado consciente de amor, não causa dano à natureza. Vive em harmonia consigo mesmo e com o todo. Assim, o termo correto de amor ao próximo é: ama a teu próximo como este te ama” (FREUD, [1929] 1974, p.166).

3 A CAPTURA NARCISISTA DE NARCISO

Assim como Eros, Narciso foi vítima de uma captura inesperada. Por trás desses dois mitos está implícito esse fenômeno tão cotidiano, desde a antiguidade até os dias de hoje. O amor das ninfas não correspondido por Narciso mostra a ocorrência da captura de forma unilateral, quando acontece e não é correspondida desperta sentimentos vis como o desejo de vingança que desencadeou a maldição de Narciso. Este, por sua vez, ao não ser correspondido em seu amor, começou a definhar até morrer. Sendo assim, outro fato claramente representado no mito de Narciso é a relação entre a captura amorosa e o ressentimento por um sentimento não correspondido. Narciso nada tinha a oferecer à pobre Eco, pois a ele nada faltava, era completo, perfeito e bastava a si. O amor só se dá na falta.

A primeira vez que Freud se referiu ao termo narcisismo foi em 1910, quando se referiu à escolha objetal dos homossexuais, com a ideia de que a busca pelo semelhante partisse do narcisismo. Sigmund Freud já utilizava esta concepção mesmo antes de citá-la em sua obra *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, na qual realiza um estudo mais profundo sobre a ligação deste mito com a Psicanálise. Mas é no livro que Freud investe diretamente nas pesquisas sobre este tema, inclusive revelando que um equilíbrio entre o foco no ego e a libido direcionada para outro objeto sexual pode contribuir para que o sujeito desvie a energia psíquica de si mesmo, embora isto não ocorra completamente.

No artigo, “Pulsões e destinos da pulsão” (FREUD, [1915] 2004), o eu encontra-se originariamente no começo da vida psíquica, investido por pulsões e é em parte capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos este estado de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação de autoerótica.

Em outra obra, (FREUD, [1911] 1976), Freud define o narcisismo como um processo inserido entre o autoerotismo e o amor direcionado para um objeto externo. Para Freud ([1914] 1980), o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse ego ideal, que como o ego infantil, se acha possuidor de toda perfeição e valor. O indivíduo não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância. O que o indivíduo projeta diante de si, como sendo seu ideal, é o substituto do narcisismo perdido da infância na qual ele era seu próprio ideal.

Nesta época, o mundo externo não é investido com interesse e é indiferente à satisfação. Portanto, durante este período o eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo com o que é indiferente (FREUD [1915] 2004).

O ego aspira reencontrar a perfeição e o amor narcísico, mas para isso precisa satisfazer as exigências do ideal do ego. A partir daí, só é possível experimentar-se através do outro. A escolha objetal narcísica é segundo Freud ([1914] 1988): amar a si mesmo através de semelhante; e todo amor objetal comporta uma parcela de narcisismo. O eu representa um reflexo do objeto.

Para Freud ([1914] 1988) existem duas possibilidades de escolha de objetos de amor, a escolha por apoio e a narcísica. As duas estão relacionadas as primeiras ligações, da infância. Dessa maneira, os objetos de amor são escolhidos conforme o modelo do primeiro amor, da forma em que foi cuidado, alimentado e protegido. Essa escolha se dá em dois momentos, o primeiro ocorre de 2 a 5 anos, o segundo acontece já na puberdade e permanece na vida adulta.

Referente aos tipos de escolhas objetais, é importante ressaltar que nenhuma ocorre de forma pura, mas uma sempre se destaca mais do que a outra. No primeiro tipo, é construída a partir das primeiras satisfações sexuais. Nessa escolha, o indivíduo ama quem cuida dele e que, com seu amor, coloca-se à disposição de suas satisfações, o que leva a uma noção de apoio. Já na outra, há relação entre as pulsões sexuais com as satisfações orgânicas, ou seja, aqueles que cuidam das satisfações orgânicas acabam se tornando os primeiros objetos sexuais.

A escolha do objeto de amor acontece a partir da influência sexual da primeira infância. Porém, a impossibilidade de reencontro com o objeto leva a impossibilidade de satisfação sexual completa (LEJARRAGA, 2002).

Freud ([1914] 1988) distingue dois tipos de narcisismo: narcisismo primário, onde o primeiro modo de satisfação da libido e o autoerotismo, conceituado como o prazer que o órgão retira de si mesmo; essas pulsões, de forma independente, procuram cada qual por si, sua satisfação no próprio corpo. Nesse período, ainda não existe uma unidade comparável ao eu, nem uma real diferenciação do mundo. E o narcisismo secundário, onde há dois momentos: primeiro o investimento nos objetos; e depois esse investimento retoma para o seu ego. Quando o bebê já é capaz de diferenciar seu próprio corpo do mundo externo, ele identifica suas necessidades e quem ou o que as satisfaz; o sujeito concentra em um objeto suas

pulsões sexuais parciais, há um investimento objetal, que em geral se dirige para a mãe e o seio como objeto parcial (NASIO, 1988)

O surgimento desse eu original, relacionado à imagem corporal, conferindo uma primeira unidade ao sujeito é o que Lacan (1936) chama de teoria do espelho. Antes de completar um ano de idade, a criança é capaz de reconhecer sua imagem num espelho, reconhecimento que é seguido de um estado de euforia e de uma série de gestos que são percebidos redobrados na imagem especular. Essa experiência se dá na criança a partir dos seis meses de idade e lhe permite formar uma representação de sua unidade corporal por identificação à imagem do outro. A experiência não se refere necessariamente à situação concreta da criança frente a um espelho. O que a experiência assinala é um tipo de relação da criança com o outro, seu semelhante, através da qual constitui uma demarcação da totalidade de seu corpo: ou seja, uma captura. A vivência do corpo fragmentado, anterior à fase do espelho, cede lugar a uma primeira demarcação de si por um processo de identificação ao outro.

Apesar de a noção de narcisismo secundário ser proveniente da observação de Freud acerca das esquizofrenias, ele não a limitou aos casos de psicose; ao contrário, estendeu sua observação a todos os seres humanos. Em função disto, o narcisismo secundário resulta no retorno ao eu dos investimentos feitos sobre objetos externos.

3 A EROTOMANIA NA PSICOSE

A erotomania consiste na convicção delirante por parte da pessoa, de que alguém de posição social mais elevada o ama. De Clèrambault descreveu a erotomania como uma síndrome de emoções patológicas, seguindo uma evolução ordenada, e passando pelos estágios de esperança, despeito e rancor. Essa evolução foi considerada por ele como invariável, sendo a fase de rancor a mais importante delas e, na verdade, o que mais bem caracteriza toda a síndrome, ao invés do estágio de amor.

O erotômano acredita que o seu amor declarou-se para ele de alguma maneira: por sinais, ou qualquer frase dita indiretamente, mas que ele supõe serem direcionadas a ele. Então, o erotômano que inicialmente poderia não corresponder

ao amor que acredita ter sido declarado primeiramente pelo outro, passa interessar-se, corresponder e tentar demonstrar este amor, seduzir seu objeto amado e declarar-se. Ele fantasia e deseja ter relações sexuais com o objeto de seu amor delirante, vai tentar seduzi-lo para esse fim e pode, inclusive crer que está gestando um filho dele. Os homens tendem mais à perseguir seus objetos de amor que as mulheres. Esses indivíduos podem trazer significativo impacto psicológico e social à vida de suas vítimas, em consequência de perseguições por períodos prolongados, que variam de chamadas telefônicas a declarações de amor em ambientes públicos e movimentados.

Diante da percepção do envolvimento do ser amado com terceiros surge o despeito e diante de sua rejeição, o rancor. Quando o sujeito erotomaniaco alcança o estágio de rancor, depois de repetidas rejeições sofridas, é comum que este exerça retaliações contra seu objeto de amor ou contra terceiros. Quando entram nesse estágio, podem apresentar comportamento violento, e partir para atos de agressão em virtude da frustração de não serem correspondidos. É comum encontrar relatos de pessoas que se envolveram em atos de violência (ameaças, perseguição, estupro, homicídio). Muitos desses casos são noticiados nas colunas de jornalismo policial e nem sempre é identificada a erotomania que às vezes é confundida como crime passional. Os autores dessas práticas violentas são, em muitos associados ao diagnóstico primário de esquizofrenia e transtorno de personalidade.

O típico portador da erotomania geralmente leva uma vida reservada, socialmente inexpressiva; poucos são casados, muitos são privados de contato sexual por anos, a maioria ocupa cargos subalternos, e alguns são muito pouco atraentes. Esse comportamento pode resultar de traços de personalidade hipersensível, desconfiança acentuada ou assumida superioridade em relação às outras pessoas. Por outro lado, os objetos de amor delirante, na realidade ou em fantasia, são sempre superiores em inteligência, posição social, aparência física, autoridade ou uma combinação destes atributos. O objeto nunca é uma pessoa qualquer, ele é sempre alguém que a pessoa idealiza, tal como um médico, um padre, um escritor, um político, ou até mesmo um objeto inacessível, místico, como um santo, por exemplo. Portanto, mesmo em meio a um estado patológico, o erotomaniaco apresenta um critério pelo qual ocorre sua captura. O despertar dessa

captura vai ocorrer no contato com alguém específico que inspire essa superioridade. Uma captura que na verdade é unilateral e revela que existe alguma razão por trás dessa escolha. Quase sempre, o erotomaniaco sente-se como que livrado de sua solidão pelo amor que o objeto supostamente lhe dedica.

Alguns indivíduos, quando separados de seus objetos amorosos (problemas judiciais, hospitalizações), podem apresentar melhora do delírio, principalmente se tratados adequadamente.

A síndrome erotomaniaca de Clérambault é formada por um postulado fundamental e três fases. O postulado fundamental é a certeza que o sujeito erotômano tem em ser amado pelo objeto. Implica numa série de ideias e interpretações delirantes da realidade que surgem de modo súbito, preciso, como um **amor à primeira vista**. Estas ideias delirantes são uma tentativa de sustentar a própria erotomania: ideias de que há uma colaboração universal a favor daquele amor; interpretações incessantes de fatos atuais e antigos a partir da erotomania; ações em direção ao objeto, incluindo viagens e perseguições. Uma vez que o postulado fundamental se instala, ele vai se assemelhar a um episódio emocional de enamoramento, tanto na emoção que o sujeito sente, quanto em suas atitudes de apaixonado. Mas, não é igual, pois diferentemente do que acontece com os apaixonados normais, na erotomania há uma intensidade absolutamente desmedida da paixão, além do fato de ela ser apenas uma ilusão.

Lacan em sua tese de doutorado, em 1932, analisou sistematicamente um caso clínico, conhecido como *Caso Aimée*. Trata-se de um caso de paranoia, mas com um delírio erotomaniaco bem estruturado: uma erotomania que tem por objeto o príncipe de Gales. O nome que Lacan deu a esta paciente já é um índice da erotomania: *Aimée* em português quer dizer **Amada**. Nesse trabalho ele começa a esboçar a idéia de que, na psicose, a erotomania é uma maneira do sujeito psicótico se haver com a questão do real da sexualidade e do amor. (SATORI, 2007).

A erotomania sempre esteve associada à psicose. Mesmo na psicanálise, Freud quando usou essa noção foi sempre para se referir à psicose.

Esquirol (1938) apud SARTORI (2009), deixa claro que nem sempre a erotomania aparece pelo seu lado maníaco, eufórico, vibrante, esperançoso. Ela pode estar subjacente a estados de tristeza e melancolia, sem que haja perda da

razão. Essa é uma das faces da erotomania, a face taciturna e sombria, quando o sujeito para de se alimentar, emagrece rapidamente e só ganha vida quando escuta o nome ou vê o objeto amado. Ele demonstra que a erotomania pode tomar proporções graves, na medida em que o sujeito, na ausência do objeto, pode chegar à morte.

Charles Marc (MARC apud SARTORI, 2009) diz que o mais comum é o homicídio contra o objeto amado. Ele dá um exemplo no qual a erotomania é recíproca e leva ao extremo da passagem ao ato criminoso. É o caso de Laure, uma filha de ministro, por quem um jovem soldado de boa educação se apaixona perdidamente. O jovem militar fica sabendo que ela vai se casar, acha que ela consentiu e lhe fora infiel e mata-a com um tiro, declarando: “Agora você é minha; em pouco tempo eu me juntarei a você!” (MARC apud SARTORI, 2009, p. 31). Também na modalidade de amor do erotomaniaco, a captura vem acompanhada de sentimentos de rancor, ódio e violência, como uma reprodução amplificada do amor não patológico, com a passagem ao ato.

Na erotomania a liberdade moral está ausente, ou seja, o sujeito não está em seu juízo crítico perfeito, e sim mergulhado na loucura delirante por amor. Quando o erotômano está diante de seu objeto de amor, ele pode responder de duas maneiras diferentes basicamente: existem alguns que abordam o objeto amado e aqueles que amam em silêncio. Nas situações em que ocorre algum tipo de abordagem do objeto amado pelo erotômano, o resultado é quase sempre uma desilusão.

"Eu não o amo – eu a amo, porque *ela* me ama" (Freud, [1911] 1976, p. 71), embora o sujeito possa declarar o seu amor, foi o outro que amou o sujeito primeiro. Essa afirmação de Sigmund Freud nos leva a pensar numa inversão do processo de captura, onde o objeto seria o primeiro a ser capturado, e só então o erotomaniaco retribui o sentimento. A captura então vem de receber algum gesto por parte do outro, ainda que esse gesto seja imaginário. Se fizermos uma analogia à captura amorosa de forma geral, também ocorre através de um sinal recebido, ainda que esse sinal seja de forma involuntária ou mesmo fruto de uma idealização. Sendo assim o erotomaniaco se torna uma forma interessante de ilustrar o processo da captura amorosa pela forma exagerada e caricata em que torna mais visível alguns processos da captura amorosa. Podendo notar que esse sinal vem sempre acompanhado de alguma identificação por parte do capturado. Receber o estímulo

externo vai gerar uma captura na medida em que esse estímulo vier de um indivíduo que se encaixe em um modelo que complete o indivíduo em sua falta. Ou no caso do erotômano, que se encaixe em seu delírio.

Freud considera que a erotomania é a “percepção externa de ser amado” (FREUD [1911] 1976, p.86), em função da projeção, ou seja, o erotômano é capturado a partir de um estímulo que vem de fora. Uma exceção seria a melancolia quando a falha é sentida pelo sujeito como sendo de si mesmo e não do Outro.

4.1 UMA PEQUENA ANÁLISE DO FILME **BEM ME QUER, MAL ME QUER**

Obras cinematográficas exploram diversas doenças mentais, muitas vezes baseados em fatos reais. O filme **Bem-me-quer, mal-me-quer**, fala de um transtorno psiquiátrico da linha das psicoses, chamada de erotomania. Tal transtorno pode, por vezes, resultar em situações constrangedoras para ambos os envolvidos, porém para o erotomaniaco, é apenas mais um desencontro do casal, mesmo que o outro diga claramente que não o ama.

No filme em questão, primeiramente parece que acontecem apenas desencontros amorosos entre os protagonistas, porém o que acontece na verdade é que Angélique é uma erotomaniaca.

Certo dia, seu vizinho descobre que a esposa está grávida e voltando para casa com um buquê de flores para a mulher, encontra Angélique no caminho e como um gesto de felicidade, entrega uma flor para ela.

Sabe-se que nesse tipo de psicose qualquer tipo de contato ou um simples gesto da pessoa amada, faz com que possa parecer uma imensurável declaração de amor. Assim como descrito pela literatura, que o objeto de amor é sempre alguém com uma classe social mais elevada, assim é em **Bem-me-quer, mal-me-quer**, Loic é médico, cardiologista, muito bem conceituado, e Angélique uma estudante de artes, que faz coisas inacreditáveis pelo amor que ela acredita ter do seu vizinho.

Como o filme ocorre em duas visões diferentes, vê-se bem que a visão do psicótico, parece extremamente convincente de que tudo que acontece são situações reais. A visão de Angélique mostra todo o lado bom do seu relacionamento com Loic, e as rejeições como desencontros por conta da esposa. Já na versão de Loic, o qual se sente perseguido por alguém, desconfia de sua

secretaria, um colega de trabalho e de uma paciente, porém não desconfia da principal suspeita, a sua própria vizinha, que entendia como gestos de amor, pequenos favores, uma carona, por exemplo.

4.2 EROTOMANIA NA NEUROSE

Miller (1999 apud SARTORI, 2007) nos ensina a retirar a seguinte conclusão: o gozo da mulher é erotômano. A erotomania feminina é esse insaciável desejo de ser amada. Um amor, talvez, que se alimente de palavras. As mulheres amam o amor. Estar amando é um vício feminino, uma compulsão. A satisfação sexual, que para o macho pode saciar o desejo, para uma mulher frequentemente apenas incendeia sua paixão ou a precipita num vazio sem fim. O desejo da mulher se orienta para o falo que ela precisa localizar no corpo de um homem, sua finalidade é, entretanto, passiva, ela deseja ser amada por aquele que o possui e pode dá-lo. Freud não se contentou em reduzir o desejo feminino a essa resposta: obter o falo ou seu equivalente, um filho. Ele reconhece que é enigmática a questão: o que quer uma mulher? E aponta para um continente negro da feminilidade. Com as fórmulas lacanianas da sexuação aprendemos uma coisa nova sobre esse enigma. A mulher visa obter o significante da falta do Outro. Seu gozo, para além do falo, são as palavras de amor que ela deseja ouvir.

Trocando em miúdos, os homens têm que se haver com suas fantasias e as mulheres estão sempre às voltas com a questão do amor. A forma erotomaniaca do parceiro da mulher tem relação, portanto, com a demanda de amor na mulher. Miller (1998) aborda este aspecto fundamental:

A demanda de amor comporta em si mesma, um caráter absoluto e uma visada ao infinito, que é manifestada no fato de que o todo não está formado, o todo não faz um, e isso abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo o que se pode oferecer como prova. É uma demanda que incide sobre o ser do parceiro. É isso que desnuda sua forma erotomaniaca: que o Outro me ame (MILLER apud SARTORI, 2009, p. 117).

É nesse ponto, através da erotomania, que Miller (MILLER apud SARTORI, 2009, p.112) diz sobre a mulher normal da loucura, mostrando que onde há gozo erotomaniaco, há posição feminina, gozo para além do gozo fálico. Falar em gozo louco implica afirmar que: “todas as mulheres são loucas, porque elas têm por

parceiro o **A barrado**, esse Outro ao qual falta alguma coisa. Coisa esta que a mulher pede que lhe seja dada. Ela pede que o homem lhe dê sua **falta-a-ser**, e esse pedido não tem fim.

Essa demanda de amor é infinita, e, segundo Miller (MILLER apud SARTORI, 2009), ela pode retornar “sob a forma da devastação”. O parceiro-devastação tem relação com o que não se localiza no gozo da mulher, com o que sobressai ao fálico. A erotomania e a devastação são os parceiros-sintomas da mulher. “Um homem pode ser uma devastação para uma mulher, mas pode também ser o modo como acontece o seu deslumbramento”. E, se a demanda de amor de uma mulher não é atendida de alguma forma, se o homem não dá provas do seu amor pela fala, ou pelo desejo, essa demanda aumenta ainda mais, e se torna, de fato, devastadora. Nesses casos, sem nenhum deslumbramento.

A mulher, seja neurótica ou psicótica, é incompleta quanto ao falo. Ela é marcada por um “menos” com relação ao falo, o que faz com que a estruturação de suas identificações e de seus semblantes seja mais vacilante, e faz com que sua relação com o gozo tome a forma erotomaniaca. Nesse sentido, a erotomania aponta para o que não se aloja no semblante (FRANCESCONI apud SARTORI, 2009), para o que não se inscreve pelo significante fálico, e para a tentativa, tão feminina, de solucionar sua relação com os semblantes e com o gozo da seguinte maneira: buscar no Outro, imaginariamente completo, um significante que possa recobrir sua falta, ela busca no Outro um significante que a complete.

“A mulher visa obter o significante da falta do Outro. Seu gozo, para além do falo, são as palavras de amor que aquele que o possui pode empregar para falar dela. Só assim ela pode amar-se” (COELHO DOS SANTOS apud SARTORI, 2009, p. 16).

Desde o período chamado pré-psicanalítico estão presentes as questões da ‘loucura histérica’, da passionalidade, das alterações de humor e das crises relacionadas aos mais diversos afetos, principalmente acometendo as mulheres. A histeria é um dos nomes dessa loucura. A erotomania é o outro nome. Esta última Freud relaciona à psicose, e a primeira à neurose. Mas ambas entrecortadas pela questão do amor, da sexualidade, da diferença sexual e da relação entre os sexos.

A histérica está sempre procurando sinais e provas de amor, já a erotômana toma como prova o postulado fundamental (CLÉRAMBAULT, [1920] 2002 apud SARTORI, 2009): é o objeto que a ama e ela tem certeza absoluta disso.

Então, um importante fundamento para o estudo da captura amorosa feminina, se encontra na tendência que a mulher tem em ser, preferencialmente, objeto de amor para um homem. A mulher quer ser amada, mais do que amar, em função de sua escolha de objeto ser narcisista e porque ela precisa ser amada para se amar. Esta fórmula feminina orienta nosso estudo. Indica que, sem a normalização edipiana e sem a função fálica, no caso da psicose, e, no caso da histeria, mesmo com a normalização edipiana e a função fálica, acontece, em ambas as estruturas, uma retenção da libido no eu, o que faz com que a mulher seja mais narcísica do que um homem e apresente um aspecto erotomaníaco de estrutura. Freud ([1933] 1976) reafirma sua tese de 1914, em 1932, a respeito da forma narcísica de amar da mulher, que, na verdade, se traduz no ser amada: “Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar”. (p.162).

Ainda quanto ao aspecto narcísico, acreditamos que a mulher, por sentir-se menos valorizada por não ter o falo, como Freud explica em 1933, encontra no ser amada uma compensação para esta falta. É como se, ao sentir-se amada pelo objeto de sua escolha, a mulher se considerasse mais valorizada e, também, menos injustiçada por sua condição feminina.

5 CONCLUSÃO

Analisando todas as formas de amor citadas neste trabalho, uma questão comum a todos é a captura. Afinal, todo amor é de captura. E para existir captura, precisa existir **um Outro**. Os mitos gregos tem um papel interessante no sentido de ilustrar situações de captura, mostrando aspectos da relação humana presentes em nossos estudos.

O processo de captura está sempre presente, apesar das particularidades existentes em cada estrutura psíquica. Apesar dessas particularidades, existem mais semelhanças: todo amor é narcísico e edípico. Narcísico, no sentido de que amamos

a nós mesmo através do semelhante, daquele que acreditamos que pode nos dar algo que nos falta. Edípico no sentido de que é no Édipo que aprendemos uma forma de amar que vai modelar todas as outras relações que teremos durante a vida.

Inclusive em Narciso, que tão comumente ouvimos dizer que se apaixona por **ele mesmo**. Ele se apaixona pelo outro, aquele que reflete na água e não responde a seus sorrisos e até mesmo escapa quando ele se aproxima. Narciso não possuía consciência de sua imagem e, portanto, é capturado pelo **outro**.

Sendo assim, a captura seria então, uma forma de entrega, a algo que responda sobre o indivíduo. Dentro desse entendimento, podemos observar uma enorme carga de transferência como elemento que ajuda a definir as conexões que vão ocorrer entre o indivíduo e seus objetos de amor a partir dessa relação tão íntima entre a captura e a transferência. Captura, que é inclinação, atração, apetite, paixão, querer bem, satisfação, conquista, desejo, libido. Investimento em algo ou alguém.

Tendo em vista esses pilares pelos quais o processo de captura se constrói, onde, segundo Freud, a relação materna se torna um protótipo dos modelos futuros de relação amorosa, pode se concluir que a escuta psicanalítica se torna uma ferramenta adequada para a busca do entendimento de como todo esse processo se constrói. Um olhar para trás que permite entender o presente. Acreditamos que a relevância de meu estudo diz respeito à compreensão deste fenômeno amoroso, que incide e decide sobre a trajetória da vida de um ser humano.

THE LOVE CAPTURE A SAYING ABOUT LOVE IN PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

The Love capture is a detail, of a moment that occurs during the Love process. In the Psychoanalysis field, the Love theme has been widely studied and mentioned, but there's still a lot to reveal about the capture, it's reasons and how it occurs. This current work intend, by the intersection of those knowledges, to find a common sense, searching in the psychology literature for concepts, to bring some meaning to this process apparently so irrational and even mystical, by the view of the lay people. Understanding the capture is to understand the reason why love happens, and yet, to learn about people in a deeper level, bringing clearance over the existing mystery around this theme. Love and Capture are constantly present in the life of everyone and they are deeply related with the transference process, so important in the psychoanalytic clinical process.

Keywords: Capture. Love. Transference. Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Rio de Janeiro. Ediouro, 2002.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII).
- _____. O mal estar na civilização. In: _____. **O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos**. (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- _____. Notas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: _____. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos**. (1911). Rio de Janeiro, Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. X).
- _____. Pulsões e destinos da pulsão. In: _____. **Escritos sobre a psicologia da inconsciente**. (1915). Rio de Janeiro. Imago, 2004. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. II).
- _____. O Ego e o Id. In: _____. **O ego e o id e outros trabalhos**. (1923). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- _____. Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. (1933 [1932]). Rio de Janeiro, Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII).
- LACAN, J. **O seminário, livro 8: a transferência 1960-1961**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- LEJARRAGA, Ana Lila. **Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.
- MILLER, Jacques-Alain. Entrevista de Jacques Alain Miller. **Psychologies Magazine**, n. 278, out, 2008. Entrevista concedida a Hanna Waar. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/entrevistas/milerentrevista.htm>> Acesso em: 17 maio 2013. (texto sem paginação).
- _____. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Edipro, 2009.

SARTORI, Ana Paula. Tese de doutorado: **Erotomania**: Amor e sexuação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Loucos de amor! Neuroses Narcísicas, Melancolia e Erotomania Feminina. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.39, p. 13-33, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34462301/da-psychose-paranoica>>. Acesso em: 17 maio 2013.